

DATAS COMEMORATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS, REFORÇO OU DESAFIO PARA DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL?

Fabiana Fernandes de Queiroz Dias 1

e-mail 1 fabianafqd@gmail.com

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é compreender de que forma o calendário comemorativo da Educação Infantil e dos Anos Iniciais de uma escola privada na Zona Oeste do Rio de Janeiro é organizado, a fim de compreender se tais datas cumprem o seu papel de serem contextualizadas às práticas sociais dos estudantes ou se apenas seguem um propósito de atender aos interesses dos responsáveis. Ainda com um aprofundamento na temática das relações étnico-raciais, será feito um recorte onde se abordará o Dia da Cultura Indígena e o Dia da Consciência Negra, com o intuito de refletir se o quantitativo de datas impede uma real compreensão dos dias citados, ou se ainda reforçam estereótipos servindo de manutenção da desigualdade no lugar de agregar diversidade ao ambiente escolar.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente artigo será realizado com a abordagem qualitativa, através da pesquisa de campo, pois segundo Tozoni-Reis (2010), na Educação, a pesquisa qualitativa é importante por apresentar esforços teóricos e práticos modernos que não buscam somente descrever e explicar fenômenos, mas em entender e interpretar o homem e suas relações.

O modo como as escolas vem tratando o dia do Cultura Indígena reforça o estereótipo do índio (termo que descaracteriza o indígena, tratando-o como um personagem) já entranhado na sociedade. A disseminação de tal conceito sobre a comunidade indígena é utilizada por muitos políticos como justificativa para a retirada de direitos deste povo o que contribui para o desmantelamento das comunidades ainda existentes. Sendo assim, embora hoje haja uma obrigatoriedade de se tratar o assunto na escola se faz urgente que cada vez mais a data da Cultura Indígena não seja um evento isolado, mas sim articulado com diversas práticas cotidianas ao longo do calendário escolar.

De igual forma no contexto da Cultura Africana, apesar de todo o protagonismo negro na luta de sua própria liberdade e igualdade como povo, nas escolas muitas vezes mesmo que atendendo a legislação e abordando a participação da cultura africana na formação de nosso país, esta muitas das vezes acontece colocando a princesa Isabel como protagonista, religião e costumes do povo negro como algo pejorativo, ignoram todos os percursos vivenciados pelos negros no período pós-abolição, onde lhes foi negado empregos dignos, educação de qualidade o que resultou em ações que ainda hoje tornam a vida de uma pessoa negra muito mais difícil que a de uma pessoa branca para alcançar um mesmo objetivo, e todas estas marcas históricas são vistas em diferentes camadas da nossa sociedade ainda hoje e vividas diariamente por pessoas negras principalmente vividas também por crianças negras nos contextos escolares.

Muitas das vezes na caminhada estudantil e acadêmica um aluno brasileiro só tem acesso a biografias, leituras, exposições e afins de pessoas negras na Universidade, o que se faz contraditório com as orientações legais para a educação brasileira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Indígenas, africanos e afro-brasileiros são tratados em sala de aula de forma estereotipada, pejorativa e discriminatória. O que traz uma urgência à reformulação do currículo escolar. Mediante tantas abordagens esclarecidas voltamos à questão central do presente artigo, como trabalhar para a diversidade étnico-racial se as crianças continuam a usar roupas simulando o indígena nu, o cocar e as penas que mais o tratam como um folclore brasileiro? Porque não formular um projeto que identifique a pluralidade das comunidades indígenas, que abordem a contemporaneidade destes e que caminhem para erradicação do preconceito contra este povo no lugar de categorizá-los mais uma vez como um povo que não faz mais parte do Brasil atual. Uma dupla dimensão caracteriza a educação multicultural: de um lado, a necessidade de promovermos a equidade educacional, valorizando as culturas dos alunos e colaborando para a superação do fracasso escolar. Por outro, a quebra de preconceitos contra aqueles percebidos como “diferentes”, de modo que se formem futuras gerações nos valores de respeito e apreciação à pluralidade cultural, e de desafio a discursos preconceituosos que constroem as diferenças. (CANEN E OLIVEIRA, 2002, p.63. Da mesma forma se continuar a existir nos ambientes escolares a realização das atividades apenas para preenchimento de uma determinação do calendário escolar ou até mesmo a não realização de nenhuma atividade sobre relações étnico-raciais, sem que haja a inserção dos aspectos culturais indígenas e africanos com o intuito de possibilitar a transformação do currículo escolar não avançaremos um pouco mais, e faremos da diversidade uma falácia. (DE OLIVEIRA E NASCIMENTO, 2021)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As unidades escolares compõem um elemento importante no meio social, com elas é garantida a construção da identidade de um indivíduo, e para isto é necessário que a educação provenha da articulação com a realidade étnica, cultural e social do educando, para que haja a construção da identidade com a valorização de si e o seu grupo de origem, bem como o respeito ao grupo que você não se identifica como pertencente. Ainda no contexto de diversidade cultural o reconhecimento dos negros e dos indígenas pelo Estado favorece a afirmação do pluralismo étnico, imprescindível para que se crie uma ideia adequada da importância das diferentes etnias e do respeito às suas diferenças. Esse artigo visou contribuir para a reflexão e melhor adaptação do currículo escolar de uma escola particular. Espera-se que pesquisas futuras possam aprofundar a temática de relações étnico-raciais em outros tipos de instituições de ensino, com o intuito de permear a diversidade o que contribui para a valorização de crianças negras e indígenas, bem como de outros grupos fora do padrão branco europeu e para estes o respeito às diferenças e o engajamento na luta antirracista.

REFERÊNCIAS

DE OLIVEIRA, Rosenilton Silva; NASCIMENTO, Leticia Abilio. “Pedagogia do evento”: o dia da consciência negra no contexto escolar. Campos-Revista de Antropologia, v. 22, n. 1, p. 135-158, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/74239>. Acesso em: 25 Mar 2022